— Vamos lá, garopaba!

O professor de balé vinha de trás do palco batendo silenciosamente as palmas das mãos na frente e atrás do corpo, num balançar desleixado dos braços. Os dez minutos de pausa mental entre uma turma e outra eram pouco menos do que o bastante para ver as mensagens de casa que o afligiam. Ainda assim, tinha espírito para criar uma jocosidade que divertia seus alunos; normalmente um trocadilho já usado; coisa de velho, de ou garoto.

— Já aqueceram com o tio Wilmar[1]? Então agora inspirem fundo. Mãos estendidas reto para cima, palma virada com palma. Elevem um braço, elevem o outro, como se estivessem subindo, escalando. Aí, mais dez segundos, nove, [...].

Deu tudo certo naquela noite. Titsi foi verificar se havia alguma outra mensagem. Não tinha nada, mas ele ficou scrollando um feed até a hora de nem saber mais que hora era. Wilmar tinha ido já embora.

(2) Dois

Os caminhões vieram cedo tirar o lixo de casa. Há poucos meses os coletores de lixo comum e o de lixo reciclável passaram a vir no mesmo dia, obrigando os moradores a terem duas lixeiras. Isso custou caro para Tisi, que morava numa rua semifechada, com latão comunitário. Teve de contribuir para a aquisição do novo material com a quantia pedida pela associação da rua Maior. Ouviu dizer que pagou mais que os outros, e até comentou do boato com o representante quando o viu, tempos mais tarde; que desconversou.

Aquele dia não tinha aula, portanto, não tinha tomado banho, mas escovou os dentes; leu um quadrinho de capa dura, custara-lhe 10% quase de seu rendimento mensal. Tirou a camiseta em algum momento do dia e sentiu a gostosidade da liberdade — algum escritor favorito seu usara essa expressão. Não tinha TV, tomava água tônica sem açúcar, que não gostava — ainda que em geral gostasse do amargo — mas que podia fazer bem. Pensou bastante em Wilmar, como fora indelicado de ficar no celular e nem levantar para dar tchau. Ia esperar passar o fim de semana e lhe pediria desculpas na próxima que se se

[1] N. do E.: pronuncia-se Uílmar.

vissem. Aliás, ele nem viu o colega, será que estava tudo bem? Não tinha o telefone, nem muito menos o endereço dele, então o plano ficaria nisso mesmo: próxima terça-feira, perdão.

(3) Três

Acordou com um siricotico no corpo, como se ele dançasse por si só. Foi se balançando jeitosamente pelo gramado — nem escovara os dentes —, pulandinho — as remelinhas ainda no olho —, transtornado por dentro Titsi, mas como um bailarino à vista — só à primeira vista, porque nunca dançou balé.

Era um exímio entertainer, agraciado com o reconhecimento dos alunos e de seus pais, pela seriedade com que conduzia os passos e os pensamentos da "garopaba" pelos 50 minutos que tinham. Era só um modo de ele se afastar dos problemas que sabia de casa, não precisava do dinheiro e achava que também não precisava do amor, carinho e amizade que isso lhe proporcionava. O trabalho, se podia ser chamado assim, não lhe agregava nenhum propósito, era só uma parca estrutura da rotina e de um lugar para chamar de seu no mundo do o-quê-você-faz-da-vida. 'Tava acostumado já, quase dois anos assim, que já contabilizava seus gastos com base no ganho das mensalidades, mesmo não dependendo dele.

Continuou dançando por 15 minutos.

(4) Quatro

Odiava histórias sem plot twist. Era domingo, e os dias anteriores não guardaram nenhuma surpresa. Seria preciso sair de casa e/ou interagir com pessoas para ter a chance de uma emoção? Fosse como fosse, hoje tinha disposição para tentar.

Foi ao Parque das Oliveiras. Um lago refletiu seu cabelo falhado. Soprou nas mãos para sentir seu hálito. Esperava não encontrar nenhum conhecido, que não fosse vista sua decadência hoje não mascarada. Mas, graças a Deus, ainda era o Parque das Oliveiras, ele estava nesse lugar magnífico e detalhes egoístas não importavam.

Tinha uma janela aberta. Aproximou-se vagarosa e sossegadamente; olhou aos lados, ninguém estava reparando. E entrou por ela, que sumiu imediatamente.

(5) Cinco

Do lado de lá, parecia um outro mundo.

Ainda era o Parque das Oliveiras, ou como ele, mas tinha uma flor vermelhecenta que não estava ali antes. Parecia uma orquídea selvagem. No céu, pássaros. No lago, um reflexo... um reflexo; sem nenhum defeito. Seus cabelos? Como na juventude eram! Antes de cair. Foi-se mergulhando desde a planta do pé, o frio da água iria acordá-lo ou mostrar que aquilo era real. Não podia ser. Era. Não tinha ninguém. Deu braçadas e nadicos belos e gritou, estendendo os braços, Tisti no País das Maravilhas! País das Maravilhas, pensou. País do Sol, refletiu, de uma historieta que lera do lado de lá. Não estava com cabeça para isso agora (seu coração estava afastado), então fez como aprendeu: se você quer uma resposta, deixe ela vir!. Saiu do lago, pulou e correu ao redor para cair o excesso de gotas, vestiu as roupas e foi explorar, ver.

Andando, andando e matutando, chegou ao pé de um arco-íris. Que belo era, pensou, pois sempre lhe disseram que não tem início um arco-íris, e ele acreditava. O primeiro pensamento foi a casa que deixou. Ali não podia ser o fim da linha, não pode ser o País do Sol, porque, se fosse, sua casa estaria em chamas. Saiu dali, abruptamente visando à janela.

O caminho de volta o levou à paisagem inicial, estava tudo ali. Tinha um chapéu na beira do lago, não era seu, claro (não usava chapéu), e não se importou. Derredolhou em busca da janela perdida. Nada.

(6) O chapéu

Começou a Pensar. Não estava em seu mundo. Não estava sonhando. Não tinha ninguém. Queria voltar, mas como? Tinha uma casa, que ele sempre deixou, mas não queria deixar para sempre.

E tinha um chapéu. Era tudo que tinha agora. Era um chapéu comum, preto, sem etiqueta, nome ou o que quer que fosse. Nada de especial. Pegou-o nas mãos e, do lado de dentro, encontrou uma fita branca colada. Dizia:

> FABRICAÇÃO PRÓPRIA PELO DONO DO LUGAR. FIQUE. É SEU.

(7) The sea

Mesmo que existisse sua casa neste lugar, não poderia achá-la porque sua memória se esvaiu. Parecia que só lhe sobraram fragmentos de contemplação e de angústia, mais nada. De todo modo, obedeceu à mensagem e ficou com o chapéu. Lembrou-se de Wilmar e do filme O Náufrago, então, por brincadeira e para desembaraçar os pulmões, gritou: Wil-maar!!! Wiiill-maaaar! (Wilmar se pronuncia como Wilson, mas em vez do filho, there is the sea).

Acalmado, não lhe restando outra coisa, sentou-se ai mesmo para pensar em tudo que tinha, o chapéu. Ele já estava ali antes ou alguém o colocou enquanto estivera fora? Não tem certeza. Fala do dono do lugar, que é quem? Opa... lembra-se que, no Parque das Oliveiras, há uma placa em memória do fundador. Era um prefeito de sei lá das quantas, bem antigo, nem devia estar mais vivo. Pelo menos do lado de lá. Titsi foi até onde estava a placa, e 5 minutos depois chegou ao sopé daquele memorial. Longe de falar do prefeito de antanho, a inscrição daqui dizia:

> AMOR E MORTE LHE RESERVA A VIDA. PERDÃO SEM MAIS MEDO, INFINITAMENTE, SE O SEU CORAÇÃO A MIM SE ABRIR.

(8) Ora que bobagem

Ora, que bobagem! Quem escreveria algo tão enigmático numa pedra, neste lugar. Quem é este “a mim”? Pode ser uma dica para sair daqui, alguma pista, mas nem tem onde anotar para não esquecer. Tentou repetir algumas vezes para se lembrar, por partes: “amor e morte lhe reserva a vida... perdão sem mais medo, infinitamente, se... se o seu coração a mim se abrir”. Conferiu na rocha, lembrou certinho.

Por alguma razão, o “mais” saiu acentuado de sua boca. Estava com medo.

(9) Assim Como

Este lado de cá, embora totalmente outro, tinha mais semelhanças do que diferenças: as aparências eram praticamente as mesmas — aqui só era mais “etéreo”, na percepção de Titsi; tanto lá quanto aqui, não tinha amigos; e aqui, assim como lá, as inexplicáveis e inextricáveis crises de memória... bam!... arrebentavam qualquer esperança de sanidade.

Mas lá ele tinha um colega.

Lembra-se que, em uma fase da vida, queria conhecer o Criador. Estava quase conseguindo, achava até que já estava lá, e encontrava satisfação nesse relacionamento. Até que outros relacionamentos, ele deixou que a imaturidade maculasse seu bem-estar e sua crença. Era um cavalo desembestado, assim como aquele escritor de provérbios que se sentia uma besta, e não homem, que dizia não ter conhecimento de homem. Dizia a si mesmo, e a quem quisesse ouvir, que tinha algo bem errado nesse passo do caminho, ou ele mudava ou algo tinha de mudar, só não podia ficar do mesmo jeito. Bobo. Não tinha naada de errado, ele só perdera o gosto e o gozo da rotina estabelecida, como tantas vezes antes. Ah, se ele pudesse aprender com a História, ah, se somente pudesse ele lembrar. Agora, aconteceu.

O chapéu.

(10) o chapéu.

Tinha o chapéu alguma resposta? Droga, não lembra onde o encontrara. Raios, por que não o tomou consigo? Besta, não tem ninguém que pudesse ser dono dele. Dono, dono... alguma coisa tinha a inscrição sobre isso, na aba do chapéu. Sim, havia um dono, porque estava escrito.

De repente (percebi que) três pessoas estavam me olhando. Me imaginei como Abraão, à porta da tenda, a visão, três (eram mesmo três?), a aliança cortada pelo animal cortado; fogo. Que odor. Ali era

cair da tarde, não era? Aqui, não. Só dia. Virei-me para assuntar com a triplicidade, tinham um bom papo, entendi bastante coisa, apenas não sei explicar ou transmitir, e até entendi o que faz-me feliz. Inexplicável, mas intimamente absorvido plenamente, paz. O chapéu era deles.

Queriam saber mais. E eu precisava permitir ou o quê? Eles que me mostraram tudo, até o que eu deveria ter conhecimento e não tinha, por distração, desinteresse ou fuga. Falei que fiquei feliz em saber da propriedade do chapéu (já não me interessava), que o deixara no mesmo lugar (não que eu não seja um infrator mau-caráter, apenas não quis me carregar com ele), e que **EU QUERIA DEIXAR O BENDITO LUGAR**!

TLIC. Um estalar de dedos. Estou no Parque das Oliveiras, ainda no mesmo lugar. Agora, pessoas, um horizonte a escurecer, a sensação de solidão. O normal, para mim; o normal, nesta era. Ensina-me a contar os meus dias, para que alcance sabedoria. Pois um vapor é a minha vida. Divago, a fome talvez, não teve barraquinha de cachorro-quente. Vontade de conversar com alguém antes de ir embora, só para ver se é real, mas e o medo? Posso confirmar indo até a beira do lago, se houver chapéu lá, posso estar sonhando. Nada de chapéu, já é de fato o lado de cá. Esfriando. Casa. Casa... onde fica a casa do Wilmar? Lembrei.

(11) Wilmar's home

Long time no see, my friend, ele me recebeu no seu introito brincalhão. *Yea, Yea*, respondi no meu inglês perfeito — para pronunciar o "eah" perfeito, eu penso no "–er" alemão e falo como se fosse deutsche.

Ele estava ensaiando na sala dele, todos os móveis afastados, teve força para empurrar a escrivaninha de estudos sozinho. O cara é bom, o cara é amável, e também é forte, mas não musculoso. Não devia ter vindo. Clima de abuso. Abuso passivo-agressivo, o tipo de atitude cuja gente eu atraio. Infernos. Faço-me de idiota, frívolo e imbecil, sem qualquer esforço.

Nunca houve nenhuma insinuação, não, nem um gesto. Só a percepção mesmo, de que não tem cheiro bom aquilo cujo mundo sujo

chamaria de amor e impregna o ar. Termino o café tranquilo, despeço-me com gíria de jovem, deixo Wilmar. Não tinha nada de desapontamento com eu ter ficado no celular no fim da última aula e não ter me despedido do desengonçado. Que bom que não toquei no assunto, ia dar trela desnecessariamente. Até... deve ser isso, esse jeito, que abre portas a demônios. Enquanto estiverem exteriores, é isso, rodeiam, não há como evitar. Compete não abrir, não ouvir, e estar do lado certo, com as coisas certas.

O que eu precisava era de discernimento, ou, também, dar ouvidos ao discernimento já concedido. Quando julguei que meu julgamento interior, inato, era sem sentido e o ignorei, ele se provou correto. A trindade, ela não está só do lado de lá não, senão... senão não seria como é, não teria jeito.[2]

(12) A aula

Olhou, Titsi, no calendário, era o dia. Confirmou no jornal impresso na banca, viu na tevê, era quinta mesmo. Mais tarde, aula. Esquisiteou-se porque não lembrava nada de como era o balé, aí caiu-se em si de que nunca soube balé.

Sua percepção dizia para romper formalmente o contrato, sentiu que havia mal indevido se barafustando em sua vida e nas do seu entorno por teimosia em fazer aquilo que tinha dúvida. "Na dúvida, não" foi o grande ensinamento, bem fundamentado, que, no fim de tudo, ainda guardava. Era parte de um discernimento exercitado, envolvendo saber como agir diante do que é dado saber.

A escola era sua. A turma levava seu nome. O aluguel, do seu bolso. Mas não tem nada neste mundo que prende um espírito livre. A matéria é real, mas a alma também é. Não há prevalências, como em hierarquias, mas simultânea existência.

Olhou, Titsi, para a própria cara no espelho. Cara de ragu, como uma mistura de pedaços de comida com alho-poró e outras gostosuras, *champignon*, palmito picado, com um razoável e pertinente molho. Era preciso ter o molho, e aí a prova, ele tinha. Tudo para dar certo e, mesmo assim, como o patinador favorito das olimpíadas, conseguiu

[2] Jeito → salvação. Talvez nosso protagonista descubra isso antes do fim.

falhar em quase tudo. Era o preço de ser duro demais consigo, ainda que parecesse viver levemente, e de só se permitir acertar e querer sempre ter razão.

(13) Em casa

O pedestal no qual tinha o busto em mármore de seu mestre estava derrubado; o busto se partiu no crash.

Deixou o seu miniescritório na escola e correu para casa. Não era pressa — exercícios espontâneos lhe faziam bem. Chegaria lá mais lúcido, potencialmente. E lá estava, no sofá da sala, aquilo que lhe toma o tempo, senão de ação, de pensamento. Nunca mais foi o mesmo desde que aquilo aconteceu com ela. Foram devagar para a cozinha, onde foi servido chá de saquinho. Não adiantava falar. Qual era o sentido da comunicação onde eram esperadas mentiras? Ele não confiava, e ela era todo amor, mas também nunca confiou e não era agora que ouviria e agiria com confiança em algo ou alguém. A não ser nas propagandas, essas, ela repetia como as verdades sobre as quais contruir um estilo de vida.

Não trocaram mais de meia dúzia de palavras, olhares contrastantes entre as gerações, e um turbilhão de raiva (com o mundo) e decepção (consigo mesmo) lhe agitava sem nada estar acontecendo. Foi Stephen Hawking quem, sem liberdade de movimentos, disse que tinha longevidade porque vivia bem e proficuamente em sua mente. Para Titsi, era o contrário, seu corpo era a emanação de uma consciência em pedaços, só estava vivo e aparentemente são e sadio porque seu corpo era relativamente normal e capaz. Dependesse de viver no mundo interior, crash.

Já estava na hora de ir, sua casa não era mais sua de coração, porque o expulsava. Despediu-se sem palavras enquanto ela se lavava.

(14) Sentido

Buscava sentido, só faltava o primeiro passo: saber se era algo que ele criaria ou se havia um sentido imanente, fora de si. Desistiu do plano por enquanto, até ter nova luz.

Não era triste e infeliz, Titsi. Era só embotado e em pedaços, mas vivia, sobrevivia, trupicava, tentava.

Tinha seis mensagens não lidas, de cinco conversas. Duas eram importantes, as da única pessoa a quem dava importância.

O resto era de gente julgadora ou só enxerida, querendo explicações sobre os últimos dias; preocupadas com o modo como ele vivia sua vida; ou oferecendo conselhos. Não queria ver, mas ao abrir as mensagens todas as prévias aparecem. Jura, Titsi, que o conselho de ir à merda seria mais suave do que o conselho supostamente bondoso que lhe mandaram para que fosse se "cuidar" e "tratar" de si de uma certa forma — profissionais, remédio, médico, sites, contatos, diligências em relação a cada um desses. E só seguir e, tsc, fácil, a fica fica ganha. Será que o sentido da vida era por aí? Talvez, mas não tinha confiança no interlocutor, então a mensagem (sete parágrafos) não teve inter, parou no locutor. Para quê comunicação se não há expectativa de existir de fato comunicação? Sente-se pior ao pensar nas coisas como elas são, ao esperar as coisas certas. "O certo é viver errado", orientou-se.

Foi ver as de quem importava. Era a Mêni, mêni mêni mêni. Mini mêni, uma piquitica de pessoa. Sempre foi ela, ainda quando Titsi não sabia que era.

E Mêni só respondia, nunca iniciava — a não ser quando, por carinho, Titsi não incoava, então ela falava. Tinham planos diferentes, esses dois, mas sucedeu de se encontrarem um dia, e esse dia ainda não findou. Não findou... e pode permanecer, talvez. Mal leu o que lhe foi escrito, convidou-a a ao parque ir, o Parque das Oliveiras. Para ela, ok, ficou para sexta.

O sentido estava próximo, será que ele descobriria? Não que estivesse encoberto, mas é preciso ver, perceber, estar com os olhos abertos.

(15) Quinta, a última quinta-feira

Aprendera que o verbo no aoristo pode significar o que ainda está acontecendo, o que aconteceu no passado uma vez qualquer, ou o que aconteceu e foi concluído no passado, de uma vez por todas. Isso no

grego, que ele só conhecia algumas letras, não as palavras. Foi a língua perfeita para os evangelhos; gostam de explicar a Bíblia em 10 minutos ou 2 horas mediante uma informação do idioma, que talvez não tivesse real relevância para o autor nem devesse ter algum peso para nós. Mas, se levar ao cerne, se servir e for verdadeiro, tudo bem tergiversar, quer dizer, contextuailzar. É como contar histórias. E quem vive sem histórias?

Se soubesse melhor grego, e com ele o aoristo, talvez pudesse viver melhor. Saberia pôr dois tempos verbais novos nas suas ações, o passado qualquer e o que acabou por exaurimento, o verbo que atingiu seu fim para sempre. Acha que nunca fez um desses. Não vai para a aula hoje. Wilmar, que mais uma vez lhe provoca estranhamento — como da primeira vez — por se pronunciar uílmar, terá de lecionar sozinho. Tudo bem, ele sabia balé, sabi interagir no jogo comunicacional do aprendizado, e tinha atitude. Nada disso Titsi tinha nem nunca terá.

As bebidas não faziam parte do seu mundo porque perdera o hábito.

Amava a si mesmo, com o amor necessário e com o egoísmo detestável.

Amava, não, desejava pessoas, como por amor, mas sem ele, então por amor não amava-desejava.

Sobre tudo, tinha medo.

Faltava-lhe fé, faltava Deus. Se morasse no Ceará, ouviria — sabia que era seu modo de expressão — "você precisa de Deus na sua vida", "de Jesus", porque neste frio, ainda que fizesse calor, nunca ouviu.

Como somos diferentes.

(16) Pam

Uma explosão atingiu seu coração, como 10 toneladas de TNT no ventrículo esquerdo. Era o passado batendo. Estremeceu. Por sorte havia 10 toneladas, também, no átrio superior — sua amada —, que explodiram de forma síncrona e, assim, permitiram um ritmar compatível com a manutenção da vida.

Mêni o esperava no lugar normal, e com uma atitude normal. Claro, não tinha nada de mais a esperar, e não se importava com isso.

Para que, afinal, o mar?, o rio e o mar?, divagava. Eram expressões aquáticas simplórias, como o seu chorar pastelão diante da visão de Mêni, que nunca mais existiu. No mar. O mesmo com a Adkin, com Pam, Isabele, MM's não de comer e se deliciar, mas de memórias mortas que queria ter o poder de não se abalar.

Titsi precisava pegar um avião para o Peru, antes só queria não ir dar sua aula, depois de cumprir esse plano inicial daria o passo seguinte.

Não foi. Certamente Wilmar cuidou de tudo. Agora era com Titsi, sua viagem.

Não fez malas, não tinha dinheiro, não podia ir, agora, até o Peru. Então o Peru iria até ele. Eram antevésperas de ante-antevésperas de Natal — era maio —, então encontrava-se peru no hipermercado. Trouxe um para casa, preparou perfeitamente — no seu nível perfeito — e estava de novo satisfeito com a vida.

Só lhe faltava um banho e tudo ficaria bem.[3]

[3] Ele explica por que no programa "Happy by shower".